

CULTURA COMO COMUNICAÇÃO INFORMAL

Lucrécia D'Alessio Ferrara
Universidade TUIUTI do Paraná

Resumo

Assumindo como pressupostos que, de um lado, mediação é o elemento indispensável à comunicação e que, de outro lado, cultura e comunicação definem um outro conjunto que, ao lado do primeiro, estrutura o quadro do conhecimento contemporâneo, este estudo terá como objeto de análise a cidade, revelada como fenômeno cultural pelos processos da industrialização e, marcada pela metropolização, desenvolve um complexo processo de comunicação que transforma sua interpretação, ao mesmo tempo em que aponta outras características culturais que têm por base a estrutura da sua imagem.

1. Ciência e Comunicação

A segunda metade do século XIX assinala, para as ciências exatas, o momento da revolução científica no qual estamos inseridos. A ciência clássica, propensa a entender a natureza como um mecanismo dominado por uma constante e indestrutível reversibilidade, enfrenta uma outra perspectiva de conhecimento apoiada em um parâmetro totalmente diferente: a reversibilidade é substituída pela irreversibilidade que coloca em questão a história em suas constantes estruturais e funcionais.(Prigogine.1992)

A irreversibilidade reinventa a organização do universo e lhe propõe uma outra fonte de ordem: aliam-se o tempo e o movimento em outras dimensões que entendem o mundo sujeito a contínuas e constantes evoluções internas em um

equilíbrio instável que desenha, no espaço, a ordem do desequilíbrio assumido como germe inesgotável de um conhecimento em processo, mais incerto e mais arriscado. Ordem/desordem, tempo/espaço, certeza/incerteza, sujeito/objeto são pares constantes de um conhecimento evolutivo e assimétrico cujo único elemento constante é a crescente e inalienável complexidade.(Morin.1986) Essa constante atinge radicalmente, não só todas as áreas do conhecimento, mas sobretudo o modo de conhecer. A cultura sustenta-se através de outras produções que se perenizam em mediações de distintos e mais complexos processos comunicativos. Fugir a essa complexidade é banalizar e simplificar o conhecimento e chegar à certeza de não enfrentá-lo. A investigação dos processos comunicativos não está a salvo desse risco.

2. Comunicação como complexidade

O desenvolvimento que marcou a tecnologia dos períodos posteriores às duas grandes guerras colocou o conhecimento no olho de um furacão cósmico onde a relação epistemológica sujeito/objeto reinventa a razão que perde sua certeza inexorável, para assumir a flexibilidade e submissão à potência criadora do tempo evolutivo que exige ser compreendido nos desenhos que se registram no espaço. A criativa relação tempo/espaço precisa ser enfrentada nos seus elementos de mediação, nos registros comunicativos de uma cultura que faz da incerteza a maior defesa de uma racionalidade que se reinventa a cada registro, a cada nova maneira de mediar a relação sujeito/universo.

Mais do que nunca, é indispensável conhecer **através de**, é indispensável perceber o desenho que compõe as relações entre o homem e o universo: esta mediação caracteriza um modo de ser cultural, ou melhor, esclarece que a cultura só se constitui nas suas mediações. Ora, se mediação é elemento indispensável à comunicação e, com ela, constitui um par indissolúvel, cultura e comunicação definem um outro par tensionado e, ambos, estruturam o quadro complexo do conhecimento contemporâneo. Desconhecer essa realidade é simplificar os dois territórios: deixa-se de enfrentar que não há comunicação senão através da mediação que constitui o vínculo entre o sujeito e o objeto e que não há cultura sem os registros que marcam as etapas daquele vínculo. Essa mediação comunica aquela relação que só se faz concreta nos signos que a assinalam historicamente. Comunicação e cultura escrevem a história do conhecimento, ao mesmo tempo em que percebem os canais comunicativos que estabelecem seus registros culturais. Não é possível entender o tempo sem o espaço, a história sem a geografia, a comunicação sem a cultura, o simples sem o complexo.

Porém, enquanto comunicação estamos num território de ambigüidades porque, se não é possível conhecer senão através de um signo, de uma mediação, o sujeito dessa escolha sígnica, dessa ação comunicativa não é sujeito do processo comunicativo, porque não lhe cabe determinar esse processo, visto que dele participa ao lado do objeto: sujeito e objeto interagem e se superpõem . Um ambíguo e duplo processo comunicativo de cuja compreensão depende entender o nexa fundamental da ciência contemporânea como inauguração de uma epistemologia eminentemente

comunicativa pela intenção dialogante e pela seleção de uma mediação representativa. Uma comunicação como dado inexorável do conhecimento que lhe dá aquela dimensão pregnante que recobre todas as áreas do conhecimento que a tornam super científica, interdisciplinar, mas muito inespecífica e geral.

Definir esse território da competência comunicativa enquanto conhecimento supõe entender a cultura, de um lado, como conjunto de registros das relações do homem com o mundo através das mediações escolhidas e, de outro lado, como fator que possibilita a percepção do universo enquanto objeto de conhecimento. Ou seja, a cultura é a história dos processos comunicativos, porém, em dois sentidos: enquanto meio de comunicação verbal ou não verbal, tecnológico ou não e, enquanto processo de comunicação que preenche uma relação dialogante entre os homens e entre estes e o mundo através da cultura e dos seus meios. Assim sendo, a relação entre comunicação e cultura supõe a cultura, enquanto causa dos meios comunicativos e enquanto efeito das experiências e processos que assinalam relações entre os homens e o mundo.

3. Cultura como causa e como efeito comunicativo

Aquela dimensão representativa constitui o núcleo comunicativo enquanto objeto de conhecimento porque envolve a seleção de um meio, de um canal que data a cultura e define aquele objeto; porém, a relação, patrocinada pelos meios e as características do seu processo, constitui outra dimensão comunicativa distinta da anterior e sensivelmente

mais difusa. Se a cultura, preenchida pelos meios e canais comunicativos distintos enquanto característica e sintaxe, é concreta e formalmente se define enquanto território de estudo da comunicação, a cultura enquanto efeito dos processos comunicativos é informal e difusa e se confunde com o objeto de várias outras áreas de estudo não por acaso consideradas com áreas interdisciplinares à comunicação. Nem tudo é comunicação em todas as áreas de conhecimento, mas toda área de conhecimento é comunicação enquanto causa e enquanto efeito cultural, enquanto manifestação representativa através de signos e enquanto registro das relações dos homens entre si e com o mundo.

Saturados pela exuberância tecnológica dos canais e dos meios, os estudos da comunicação foram envolvidos por eles e, ao final, a comunicação restringiu-se, freqüentemente, ao domínio daqueles diferentes aparatos técnicos. Mas os meios são comunicação porque tecnologicamente estruturados? Ou se pode fazer distinção entre comunicação e tecnologias da comunicação? Para entender a comunicação enquanto território de conhecimento complexo é necessário entendê-la como mediação e como processo, formalmente estabelecida através de um meio e informalmente registrada nos seus processos e nas suas conseqüências enquanto forma de relação entre o homem e o mundo. Ou a exuberância tecnológica dos veículos da comunicação não nos autorizaria a atentar para aquela comunicação quase invisível porque espontânea ou sem um meio que as autoriza tecnologicamente, visto que operam na simbiose entre meios e processos? Enquanto área de conhecimento complexo

exige-se enfrentar a comunicação nas suas causas e nos seus efeitos, nas suas dimensões formal e informal.

Desde o século XVIII com o processo de industrialização, a cidade consagrou-se como um campo comunicativo de natureza complexa formal e informal. Na cidade, escreve-se a história de uma cultura que se constrói com os signos materiais do próprio desenvolvimento tecnológico que a indústria permite e que acelera, por outro lado, o processo comunicativo vai da troca e do diálogo até as formas mais individuais da violência e da tirania. Esta comunicação espontânea, mas híbrida encontra-se em uma área crepuscular da comunicação e, por isso, não tem merecido atenção teórica ou analítica.

O século XIX foi pródigo em ofertas perceptivas que tinham a cidade como espaço e a indústria como tempo cultural. Baudelaire, Balzac, Hugo, Valéry, Poe são alguns artistas que se debruçaram sobre a cidade, atraídos pelo seu espaço de comunicação. A cidade que os fascinava era Paris e seu signo era a multidão recém emergente como decorrência do novo modo produtivo e das novas relações sócias criadas pela industrialização. A multidão era o signo do processo cultural criado pela industrialização, mas sua sintaxe expressiva encontrava-se no verbal e nos domínios retóricos que permitiram a Walter Benjamin cunhar a metáfora do *flâneur* que caracterizava o passante anônimo. Da aldeia opondo-se à cidade; do artesanato, à industrialização; da aglomeração ao adensamento demográfico; do indivíduo à massa e ao público; da crença à opinião gera-se o aparecimento de outra categoria de análise: a multidão que suscitou amplo interesse

investigativo do século XIX aos nossos dias e foi a condutora do amplo debate da modernidade.

Em todas as expressões artísticas do século XIX observa-se que a cidade atua como espetáculo ou como campo dramático e não como território comunicativo enquanto meio ou enquanto processo. É necessário aguardar a segunda metade do século XX para que a consciência da cidade enquanto território de manifestação comunicativa se manifeste e se imponha como área de investigação nas suas manifestações formal e informal.

4. A cidade como cultura e comunicação formal e informal

Desenhar significa traduzir em figura o desenho da sociedade para comunicar sua existência no espaço e no tempo (Argan, 1992). Essa construção da sociedade é a razão formal da arquitetura e a estrutura do seu conhecimento, mas é também, através de formas, planos, materiais, procedimentos, técnicas, apropriações e participações que a cidade se mediatiza e se comunica culturalmente. Na cidade, a cultura é construída e o modo de ser dessa construção constitui elemento de mediação e de comunicação da sua identidade urbana, porém, ambas se distinguem pela maneira como se concretizam e pela possibilidade de sua decodificação.

Assim se escreve a história da cidade: trata-se de resgatar no tempo, algumas vezes não diacrônico, mas sincrônico, as manifestações distintas e peculiares de um modo construtivo de se fazer a cidade enquanto espaço e enquanto modo de apropriação, de participação e de uso reconhecido ou não, decodificado ou não, assumido ou não. Esse é o diálogo que a

cidade estabelece com o espaço e com o tempo e, nesse diálogo, escreve-se a história da cidade que não é outra coisa senão decodificar a cidade como comunicação de espaços em culturas de tempos distintos. Assim, a comunicação da cultura que se localiza na cidade só se faz através da história, mas o campo da cultura só se define se for percebido como espaço comunicativo de tempos distintos ou quando se percebe, nos desenhos das cidades, os elementos de distinção das cidades na história.

Porém, há duas mediações, dois códigos de comunicação da cultura na cidade:

- a) o desenho da cidade assinala-se através dos volumes, materiais, métodos e planos utilizados na construção do espaço físico e topográfico;
- b) esse modo de ser da cidade enquanto espaço construído, registra modos de apropriação e participação coletivos só compreensíveis naqueles desenhos de cidade, nesse caso, o elemento de mediação comunicativa está contido no uso que aqueles desenhos permitem e que passam a ser signos de uma cultura modelada na cidade enquanto espaço social.

A identificação dos elementos de mediação materiais ou interpessoais permite entender o processo de comunicação que ocorre nas cidades, mas a correlação desses dois modos de mediação permite entender os significados de uma cultura que encontra, na cidade, o lugar privilegiado de comunicação. Mas, a distinção concreta dessas mediações nos leva a enfrentar duas manifestações culturais e comunicativas: a comunicação formal da cultura material e a comunicação informal da cultura enquanto experiência.

5. A cidade como cultura de comunicação formal

Em 1960, Kevin Lynch publica, junto ao MIT, um trabalho fundamental: **A Imagem da Cidade** que inaugura os estudos da imagem como elemento de mediação comunicativa entre os caminhos da cidade e as possibilidades perceptivas que oferecem ao deslocamento. Esse estudo apóia-se em uma dimensão comunicativa francamente utilitária cuja eficiência depende da coesão ou da intensidade variável, porém jamais exclusiva entre três elementos fundamentais: visibilidade, legibilidade e funcionalidade. Embora a visibilidade seja imprescindível para que ocorram as duas outras condições, pode-se perceber que a imagem da cidade é constituída por unidades mínimas de leituras objetivas e coercitivas de um modo de comportamento para o urbano, de uma excelência para o deslocamento, para a ordem e a organização: uma cidade asséptica enquanto imagem e enquanto uso. Como referência de impacto visual a alicerçar um mapa mental, simbólico ou emblemático indispensável ao deslocamento físico ou afetivo, a imagem da cidade tem no visual sua mediação para a legibilidade de um uso funcional. Assim, a cidade constrói uma relação comunicativa onde a imagem é mediação do seu ideal de plano urbano, de valores e hierarquias. Comunicação formal de uma cultura moderna que encontra na cidade a manifestação mais acabada dos seus ideais hegemônicos de saber e poder.

Porém, a partir dos estudos de Lynch, a consciência da imagem como elemento de comunicação na cidade inaugura a percepção formal de uma área de conhecimento que, para a arquitetura e o urbanismo, preenche uma possibilidade de

estudo profícua em generosas investigações porque vem corresponder a uma manifestação, tanto mais complexa quanto mais nos envolvemos com cidades em franco processo de metropolização local e global. Partindo daqueles estudos, foi possível reler a história cultural da cidade e perceber que a sua comunicação ocorre, formalmente, através dos seus processos construtivos e dos materiais que a edificam de maneira distinta no tempo e na história e se entrecruzam como ferramentas de comunicação.

Os materiais construtivos e seus processos constituem elementos de mediação, são signos e códigos que realizam a distinta visualidade das cidades e as desenham como singularidades, mas o único elemento que as aproxima é o apelo visual: como consequência, temos uma cultura de inexorável apelo comunicativo da imagem que se adensa ao mesmo tempo em que, no decorrer das últimas décadas do século XX, se processa o desenvolvimento dos meios tecnológicos exclusivamente visuais ou não. Nessa cultura da cidade como construção é indispensável rever o modo de produção da sua visualidade para distinguir seus signos que vão da fortaleza ao plano, da exponibilidade à metropolização, da adesão ao mito à mídia como persuasão, da imagem à sedução, do real ao virtual. Um visual que se desenvolve do culto à secularização da imagem.

A cidadela da cidade antiga (De Coulanges, 2000: 134) construída em argila ou em pedra protegia com muralhas o templo ou o palácio, mas, na sua solidez, evidenciava a religião ou a monarquia como espaços de poder apartados do profano e do popular. Confundiam-se as arquiteturas do

palácio e do templo e, no poder, o sacerdote e o rei representavam o mito que identificava a própria cidade como espaço ritual. A acrópole grega elevou-se nas encostas das montanhas e, nas pedras, os homens e os deuses eram dominados pelas mesmas virtudes e paixões, confundiam-se os deuses e os homens. A paisagem da cidade medieval é marcada pelas torres das igrejas e catedrais que representavam, no contraste entre a sólida parede de pedra e os feixes de luz vazados através dos vitrais, a dinâmica transformação que ia da aldeia implantada à sombra de um castelo ou de um mosteiro, ao burgo, germe da cidade moderna.

A ordem da mentalidade renascentista deixa claras reminiscências na visualidade da cidade moderna: as ruas retas, a horizontalidade das suas janelas, o arco redondo e as colunas na composição das fachadas constituem seus signos e revelavam, em formas, o espaço da natureza tal como a concebia a hegemonia da cultura clássica, uma ortogonalidade racional que construía o espaço material e ideal. O século XVII exacerbou a coerência absoluta dessas regras de composição e seus signos visuais são as avenidas geometricamente ortogonais às antigas ruas para facilitar o transporte e o rápido deslocamento sobre rodas; ao fundo os magistrais palácios substituíam os ultrapassados castelos. Montava-se a cidade cenográfica que expandia seu território e seu poder social e econômico.

A concentração populacional em cidades foi consequência dessa opulência e avanço econômico, mas tornou-se necessária a especialização dos seus espaços. As galerias e

passagens envidraçadas acolhem a atividade comercial que se tornou essencial para a sobrevivência das cidades e constituem o signo visual básico da cidade pré-moderna que não repele modelos e programas para o seu figurino. Constrói-se o único espaço de cidade admissível para a atividade industrial que, na época, parecia ter atingido sua expressão máxima: era a cidade planejada feita em concreto e ferro a induzir comportamentos coletivos aderentes a um código comum sem fronteiras, universal. Uma cidade pensada como fixação do homem no solo através de planos diretores, capazes de inibir a complexidade local e controlar, com previsibilidade, todas as diferenças.

A cidade pós-moderna, ao contrário, construída sob a égide da comunicação de massa tem sua marca visual no caráter simbólico das fachadas que, em vidro, aço e concreto, encobrem o interno visto que, agora, o que importa é o externo e, sobretudo, sua aparência que caracteriza o poder global das mega empresas financeiras. A voracidade da imagem, absorve a linearidade da ortogonalidade renascentista, o detalhe do paramorfismo barroco, a cenografia maneirista, e as próprias soluções funcionais do programa modernista a fim de devolver tudo misturado, transformado na exigência de um novo e imprevisível cotidiano. Assim, a cidade é vista à distância física e tecnológica; a fotografia, a televisão e o vídeo substituem o olho e sua capacidade de recepção de estímulos visuais (Mucci, 1991: 176-177)

Dominada pela visualidade, a comunicação formal da cultura constitui uma experiência pedagógica do olhar na cidade:

ensina-se a ver-a-cidade através da apreensão das suas marcas. Da cidade antiga à pós-moderna, essas marcas escrevem uma história visual que vai da exponibilidade ritual à reprodutibilidade (Benjamin, 1975:9), da orgânica funcionalidade à sinestesia tátil visual, da cidade física à possível interação virtual, porém essa visualidade não acumula, mas substitui ou retrai significados.

Em todo o transcorrer desses séculos, a cidade construiu-se, edificou-se e produziu a semiótica da sua visualidade. São as marcas do tempo nessas edificações, emblemáticas ou não, que referenciam a cidade e traçam seus mapas mentais, (Lynch, 1982). Mascara-se a passagem do tempo na solidez de um eterno presente construído em pedra, mármore, argila, ferro, vidro, concreto ou aço; construída, essa cultura visual da cidade mostra o espaço onde o homem habita fisicamente ou onde moram seus valores, raízes e referências ideológicas.(Heidegger, 1991:91) Ou seja, da cultura material construída na cidade passamos à informalidade da apropriação social da cidade como espaço de troca de valores e crenças. Vamos da visualidade da cultura à visibilidade da cidade como lugar de cultura.

6. A comunicação da cidade como cultura informal

A cidade como cultura da imagem considera uma comunicação simplesmente visual, uma adaptação cenográfica da paisagem construída pelo artifício formal da arquitetura e pela flexibilidade dos novos materiais que fizeram as delícias dos arquitetos modernos e dos pós-modernos: o concreto, o ferro, o vidro, o aço, o alumínio, os

polímeros, o titânio multicor. Enquanto exacerbação da imagem até a entropia dos seus padrões comunicativos contidos na natureza dos materiais ou na informação de que os reveste o engenho arquitetônico, essa cidade é feita pra ser vista até o auge da invisibilidade (Baitello, 2000), esvaziando-se de sentido nos circuito da cenografia simplesmente decorativa. Essa cenografia transforma-se em simples decoração porque pelo seu impacto e pregnância perceptiva impede a discriminação das suas ocorrências fenomênicas e das suas diferenças. Tudo é exageradamente igual em uma cidade de imagem exacerbada que não se permite ver como visibilidade orgânica: uma imagem invisível da sua realidade, sem volume ou sinestesia. Assim, a comunicação da imagem da cidade ocorre como um dado que se impõe pela sua própria exuberância visual, trata-se, simplesmente, de ver-a-cidade.

Ao contrário, quando passamos da visualidade à visibilidade da cidade é necessário ler-a-cidade na discriminação das ocorrências fenomênicas que exigem aderir à diferença do espaço e perceber a emergência dos lugares da cidade(Santos,96) que antagonizam o impacto visual para se processarem nos limites do visual e próximos à invisibilidade. Passa-se da cultura construída pela materialidade icônica à difusa cultura que processa uma relação comunicativa. Da cultura como causa ao efeito de um processo comunicativo, criam-se diferenças semióticas. Ou seja, processa-se uma distinção entre visualidade e visibilidade, entre comunicação e informação, entre dado e processo, entre valor e dinâmica de valores culturais, entre imagem e percepção da cidade, entre cidade e lugar na cidade: em conseqüência, percebe-se a comunicação de um simples organismo vivo, um corpo.

Os lugares da cidade, ao contrário da imagem, não expõem a clara materialidade dos seus elementos constituintes, mas produzem-se sem planos, sem previsões e sem materiais palpáveis e concretos. A cultura como efeito comunicativo concretiza-se pragmaticamente como espaço onde se compartilham sentidos de existência vitais para indivíduos, atores de processos em diálogo que se criam, recriam, renovam a cada movimento, prenhe da indispensável força social que nutre comportamentos, valores, mudanças e escolhas cotidianas. Informal e espontânea, a cultura passa quase despercebida ou não se dá a conhecer como construção das relações humanas porque, não é evidente nas suas marcas materiais.

A complexidade desses processos faz com que a sua emergência seja imprevisível e infensa a formalizações metodológicas para a sua percepção, isto é, a complexidade desse processo inibe a clara discriminação dos meios e veículos comunicativos, porque ocorre na simbiose e sinestesia de todos os meios, técnicas e tecnologias disponíveis na caracterização de cada lugar e, sobretudo, na assimétrica dimensão econômica e social que, cada vez mais, define a cidade contemporânea dividida entre lugares de distintos desempenhos e experiências culturais, mas sem as comuns distinções de classes que, misturadas, lhe parecem ser indiferentes. Se a cultura da imagem constrói a visualidade, os lugares possibilitam a percepção da cidade como visibilidade de processos culturais informais e espontâneos, mas indispensáveis para a compreensão da metrópole dos nossos dias e, eventualmente, para a possível inserção de uma ação comunicativa capaz de dar outro grau à qualidade de vida.

O lugar é território das representações culturais que, quando marcadas pela visibilidade decorrente de processos perceptivos, levam à interação dialogante dos habitantes da cidade e, em conseqüência, a um juízo do comportamento urbano e, possivelmente, à mudança de comportamento. Pragmaticamente, falamos de experiência, aprendizagem, valores e mudança de comportamento, (Peirce .78:V.388-496) sem indução ou programação, mas ação lógica e reflexiva decorrente da natureza daquelas representações e dos processos comunicativos que suscitam.

Porém, a tensão comunicativa entre visualidade e visibilidade não deve ser entendida como dicotomia entre elementos exteriores entre si, ao contrário, deve ser vista como confronto entre elementos que permitem a inteligibilidade da cidade como complexa realidade cultural. Entre visualidade e visibilidade, entre formalização e informalidade cultural escreve-se uma outra epistemologia da comunicação enquanto área de conhecimento.

Da clara distinção entre os meios como origem comunicativa, evolui-se para um processo mediado pelo cotidiano que nos permite dizer que a cidade é um sistema complexo de comunicação apoiado, não na tecnologia de um meio, mas na tensão de múltiplas linguagens. A comunicação espontânea que se desenvolve em processos de impossível ou de difícil determinação ou previsão nos leva a superar a certeza teórica e analítica que não condiz com a complexidade daquele processo espontâneo distinto de qualquer competência tecnológica “Mas agora não estamos mais sozinhos: pelo caminho encontramos pessoas que, sem falar de “comunicação”, não deixam de questiona-la, trabalha-la, produzi-la: gentes das artes, da política, da arquitetura e da

antropologia. Foi necessário perder o “objeto” para que encontrássemos o caminho do movimento social da comunicação, a comunicação em processo.” (Barbero, 1997:278,279)

Assim, como não se pode inibir aquele processo comunicativo, não se pode restringir seu estudo à tecnologia dos meios sem cair em uma crise da comunicação enquanto área de conhecimento submissa a um saber iluminista e auto-suficiente, mas mudo. Ou seja, a interdisciplinaridade está na complexa realidade da comunicação como objeto de conhecimento e está muito além da simples e complacente adesão de áreas disciplinares; é a complexidade cultural da comunicação como objeto científico e a pluralidade das suas dimensões que exigem múltiplas óticas teóricas e imprevisíveis faces analíticas e interpretativas. Enfrentar com arte e engenho esta complexidade, supõe recriar, com a tecnologia ou sem ela, o processo comunicativo que, simples e espontâneo, ocorre entre homens em contextos não programados, mas ricos de informações, emoções, usos, hábitos e crenças que supõem comunicação e incomunicabilidade.

7. Fontes Bibliográficas

Argan, Giulio Carlo. 1992. *História da Arte Como História da Cidade*. São Paulo, Martins Fontes

----- 2001. *Projeto e Destin*. São Paulo, Ática

Baitello, Norval.2000. *O Olho do Furacão A Cultura da Imagem e a Crise da Visibilidade*. Brasília, Compós

- Barbero, Jesus Martin. 1997. Dos Meios às Mediações Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ*
- Benjamin, Walter. 1975 . “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução” Os Pensadores. vol. XLVIII – São Paulo, Abril Cultural*
----- 1986. *Parigi, Capitale Del XIX Secolo. Turim, Einaudi*
- Buck-Mors, Susan. 1989. The Dialectics of Seeing Walter Benjamin and The Arcades Project. Massachusetts/London, The MIT Press Cambridge*
- Canevacci, Massimo.1990. Antropologia da Comunicação Visual. São Paulo, Brasiliense*
-----1993. *A Cidade Polifônica. São Paulo, Studio Nobel*
- Cohn, Gabriel. 1977. Comunicação e Industria Cultural. Rio de Janeiro, Ed. Nacional*
- De Coulanges, Fustel. 2000. A Cidade Antiga – (trad. bras.) São Paulo, Martins Fontes, (4 ed.)*
- Duby, Georges.1988 . O Tempo das Catedrais – (trad. port.) Lisboa, Ed. Estampa*
- Le Corbusier.1993. A Carta de Atenas (ed. bras.) São Paulo, Hucitec,/Edusp*
- Ferrara, Lucrecia D’Alessio .1988. Ver-A-Cidade . São Paulo, Nobel,*
-----2000. *Os Significados Urbanos. São Paulo, Fapesp/Edusp*
- Heidegger, Martin.1991.“Costruire, Habitare Pensare” . Saggi e Discorsi – (a cura di Gianni Vattimo) Milano, Gruppo Ugo Mursia Editore*
- Jameson, Fredric. 1992. PostModernism or The Cultural Logic of Late Capitalism . USA, Duke University Press*
- Jameson, Fredric .1994. Espaço e Imagem. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ Federal do Rio de Janeiro*
----- - *Marcas do Visível – 1996. São Paulo, Graal*
----- - *As Sementes do Tempo – 1997, São Paulo, Ática*

Lynch, Kevin – *A Imagem da Cidade* – 1992, São Paulo, Martins Fontes, s.d.

Merleau-Ponty, Maurice.1964. *Le Visible et L'Invisible* .Paris, Gallimard, Morin, Edgar.1986. *La Méthode 3. La Connaissance de La Connaissance* – Paris, Seuil, (trad. bras. *O Método O Conhecimento do Conhecimento*) Porto Alegre, Sulina, 1999)

Mucci, Egidio.1991. “ Semiótica e Imagine Nel Postmoderno” . *Specchi Del Senso Le Semiotiche Speciali* (a cura di Massimo Bonfantini e Arturo Martone) Napoli, Edizione Scientifiche Italiane

Munford, Lewis.1982. *A Cidade Na História*. São Paulo, Martins Fontes

Peirce, Charles Sanders. 1978. *Collected Papers* . 4 ed. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 8 vols

Prigogine, Ilya / Isabelle Stengers .1992. *Entre o Tempo e a Eternidade* – São Paulo, Companhia das Letras

Santos, Milton .1996. *A Natureza do Espaço* – São Paulo, Hucitec